

GEPOLÍTICA QUEER SOBRE A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO: DIÁLOGOS ENTRE MIELI, VUONG E PÊCHEUX

ALICE SALES¹

¹UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS, RUA CORONEL ANTÔNIO LUIZ, 1161, PIMENTA, CRATO, CEARÁ.

alice.sales@urca.br

Este artigo propõe uma análise comparativa das obras *On Earth We're Briefly Gorgeous* de Ocean Vuong e *Towards a Gay Communism* de Mario Mieli, utilizando o arcabouço teórico da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux. O objetivo central é investigar como o sujeito queer é posicionado em cada texto, considerando suas condições de produção radicalmente distintas: Vuong escreve a partir da diáspora vietnamita e do trauma pós-colonial nos Estados Unidos, enquanto Mieli produz seu manifesto no calor dos movimentos revolucionários italianos dos anos 1970. A metodologia articula conceitos pecheutianos como formação discursiva, condições de produção e interpelação ideológica para examinar como a linguagem opera em cada obra. Argumenta-se que, apesar das profundas diferenças estilísticas, a prosa poética e vulnerável de Vuong contra a linguagem direta e inflamada de Mieli, ambas operam um deslocamento crítico em relação ao sujeito lógico-natural da ideologia dominante. Em Vuong, a memória atua como um processo íntimo de sobrevivência e reescrita, onde a linguagem busca articular violências intergeracionais e coloniais que não podem ser ditas diretamente. Já em Mieli, a memória é um campo de batalha coletivo, e a linguagem, uma arma revolucionária que visa à derrubada da norma heterossexual, vista como pilar de sustentação do capitalismo. Os resultados demonstram que os discursos de Vuong e Mieli constituem práticas de resistência que atacam as evidências do humanismo burguês, revelando a historicidade e a materialidade da subjetividade queer. A pesquisa evidencia como a arte e a memória, tratadas como práticas discursivas, atuam como ferramentas para desestabilizar discursos opressores e reescrever narrativas hegemônicas. Ao final, conclui-se que a luta pela libertação, seja ela íntima como em Vuong ou coletiva como em Mieli, é fundamentalmente uma luta discursiva, onde o corpo e a memória são essenciais para imaginar futuros para além do sistema.